



# Será que Zéfiro vem parar a nossa casa?

Zéfiro Explorador é um jogo que nasceu dentro de um hospital, mas agora os promotores admitem comercializá-lo. Pais e filhos em casa, à volta de um tabuleiro, a disputar a resposta a questões de matemática? E por que não?

## Graça Barbosa Ribeiro

● Quando a roda da frente da bicicleta se enfiou num buraco, Bárbara voou. Foi há cerca de três semanas, na mesma altura em que Dilan, também com nove anos, resolveu descobrir se era capaz de correr muito, muito depressa com os olhos fechados. Ambos aterraram no Serviço de Cirurgia do Hospital Pediátrico de Coimbra. Um mês deitados?! Sem fazer nada? Oh, que seca!

Foi para miúdos assim - curiosos, criativos, ousados, mas temporariamente privados da escola e terrivelmente aborrecidos por estarem presos a uma cama - que nasceu o Zéfiro. A personagem e o jogo que, um dia destes, é capaz de entrar, também, nas nossas casas.

Se a ideia inicial fosse comercializá-lo, o jogo de dados e cartas Zéfiro Explorador não seria, certamente, um jogo de matemática. Ou não existiria, sequer. Mas agora, que as crianças se atropelam a querer responder - "Eu!", "Eu!", "Eu!" - e as mães disputam com os filhos a oportunidade de avançar algumas casas, Adérito Araújo, professor do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra diz: "É por que não?"

A resposta parece estar ali, à mão de semear. De entre as crianças que estão a jogar, no hospital, só uma, Bárbara, gosta de matemática. Inês, a meio de umas curtíssimas "férias" devido a uma apendicite aguda, está no 5.º ano e não tem saudades da disciplina, que "é muito complicada". Dilan, o menino que corre no escuro, considera-a "um pouco chata" e Zé Miguel, que responde certo a todas as perguntas que a sorte dos dados e das cartas lhe oferece, diz, muito a sério, "que lá por saber não quer dizer que goste".

São delicados. Quando lhes perguntam, num inquérito, se apreciaram o jogo, põem a cruzinha em "um pouco". E, mais à frente, quando lhes pedem para dizer se gostariam de voltar a jogar, a cruz vai para "não muitas vezes". E, no entanto, enquanto jogam - "Eu!" "Eu!" "Eu!" - parecem divertidos.

"A gravidade no planeta X faz com que fiquemos com cinco vezes menos peso do que tínhamos na terra. Qual o peso do Zéfiro, que na terra tem 30



Bárbara está internada há cerca de três semanas

quilos? Recua o número de casas correspondentes." Ou: "Uma abelha produz cinco gramas de mel por dia. Avança tantas casas quantas as abelhas necessárias para produzir cem gramas em dois dias." Um pede papel e caneta, outro franze os olhos, a pensar, Inês ri-se e, pelo menos aparentemente distraídas das doenças dos filhos, as mães participam na algazarra.

## Criar laços

"É muito importante, este jogo. Aliás, como seria outro, que não tivesse nada a ver com matemática", corrige Manuela Amaral, educadora no hospital. As crianças esquecem as dores e a angústia. "Mas, mais importante do que isso - repare - estão a jogar com as mães, estão a criar laços", aponta, a falar baixinho.

A observação parece descabida, mas Maria Manuela, a trabalhar no Hospital Pediátrico há dez anos, aprendeu que os pais, com uma rotina preenchida por múltiplos afazeres, são apanhados de surpresa pela falta de intimidade

com os filhos, quando um internamento os faz estar juntos muitas 24 horas sobre 24 horas.

Seja como for, com mães presentes ou sem elas, a necessidade de fazer voar estas cabeças para fora do hospital é inquestionável para os profissionais de saúde. A questão é fazer alguma coisa por isso. E aqui fez-se, graças a um encontro feliz entre dois amigos: José Carlos Nelas, um enfermeiro dedicado e criativo, e Adérito Araújo, um professor universitário interessado pelas questões pedagógicas.

Ambos "vestiram a camisola", como eles dizem, para o projecto *Aprender a Brincar*. Promoveram um banco de voluntariado e foi assim que, ao longo de anos, alunos dos departamentos de Matemática e de Física se entusiasmaram - e comoveram - com o espanto das crianças, que viram um vulcão entrar em erupção na mesma enfermaria onde, imagine-se, certo dia se recreiou o sistema solar.

O projecto cresceu. Com a aprovação da candidatura ao

programa nacional *Ciência Viva*, há dois anos, tornou-se mais sério. "Quisemos que ficasse qualquer coisa", explica o professor. Ficaram um labirinto e um relógio de sol no jardim. E ficou o Zéfiro Explorador.

Cristiana Accioly, aluna da licenciatura de Matemática, acaba de jogar com as crianças e faz rodar as folhas com o inquérito. Conta como, com a colega Sónia Amaral, tornou uma espécie de jogo da glória numa aventura pelos mundos da geometria, da

astronomia, das fracções e dos pesos e medidas, com obstáculos só ultrapassáveis pela capacidade de raciocínio que as perguntas escritas num baralho de cartas exigem.

A questão, agora, é saber se o jogo algum dia sairá dos hospitais (um de Coimbra outro em Lisboa) e do colégio que também aceitou testá-lo. Chegará algum dia às lojas? Haverá alguém - que não esteja num hospital, que tenha outras distrações à mão - que queira comprá-lo? Adérito Araújo torna a sorrir: "E por que não?"

Talvez a resposta não esteja nos comentários das crianças sobre matemática, mas no entusiasmo com que jogam. "Dizerem que não gostam é uma mania", assegura a mãe de Zé Miguel, que conta que "a irmã dele, de três anos, também diz que não gosta..."

Adérito Araújo coloca a questão de outra maneira. "Se há pais que se juntam aos filhos para cozinhar uma pizza, por exemplo, por que razão não hão-de sentar-se a uma mesa para brincarem, juntos, com a matemática? Por que não?"

**Os pais, com uma rotina preenchida por múltiplos afazeres, são apanhados de surpresa pela falta de intimidade com os filhos, quando um internamento os faz estar juntos muitas 24 horas sobre 24 horas**